

*Os uribus sem penas*



# *Os urubus sem penas*

JULIO RAMÓN RIBEYRO

*Tradução de*  
Silvia Massimini Felix



7

**Julio Ramón Ribeyro**  
***A eloquência do mudo***

17

***Os urubus sem penas***

31

***Interior "L"***

43

***Mar afora***

53

***Enquanto a vela arde***

61

***Na delegacia***

73

***A teia de aranha***

85

***O primeiro passo***

93

***Reunião de credores***



## **Julio Ramón Ribeyro** **A eloquência do mudo**

Em novembro de 1976, Julio Ramón Ribeyro anotou em seu diário: “Escritor discreto, tímido, laborioso, honesto, exemplar, marginal, intimista, organizado, lúcido: estes são alguns dos adjetivos atribuídos a mim pela crítica. Ninguém jamais me chamou de grande escritor. Porque seguramente não sou um grande escritor”.

Talvez essa observação seja parte de um entendimento geral de outro adjetivo muito utilizado para referir-se ao escritor peruano: humilde. Àquela altura, aos 47 anos, entre livros de contos, romances e crônicas, o autor já tinha 13 livros publicados, alguns deles considerados clássicos de sua época, como este *Os urubus sem penas*, publicado agora pela primeira vez no Brasil.

Tido como o maior contista peruano e portanto o mais relevante da chamada “geração de 50”\*, Julio Ramón Ribeyro é também um dos mais importantes escritores da América Latina. Mas foi na Europa — ou por causa dela — que sua vida tomou

---

\* Marcada politicamente pelo golpe do general Manuel Odría em 1948 e das eleições de 1950, quando se autoelegeu Presidente da República e chegou-se ao auge de um movimento migratório do campo para a cidade que havia se iniciado na década anterior, resultando na formação de favelas e povoados jovens, na aparição dos sujeitos marginais e socialmente deslocados — tudo isso em meio a uma transformação do cenário urbano que foi desaguar na literatura.

rumos que também culminariam em sua obra. Em 1953, aos 24 anos, Ribeyro recebeu uma bolsa de estudos do Instituto de Cultura Hispânica para cursar jornalismo em Barcelona, para onde foi de navio nesse mesmo ano. Alguns anos antes já havia cursado Letras e Direito em seu país natal, além de ter publicado seu primeiro conto em 1949, mas a perspectiva de melhores possibilidades para a sua carreira de escritor fez com que ele não hesitasse diante da mudança.

Quando sua bolsa de estudos acabou — que, segundo ele próprio, “mal dava para os cigarros e outras coisas mais” — resolveu continuar pela Europa, dessa vez em Paris. Talvez ele ainda não soubesse, mas estava traçando não apenas seus caminhos iniciais, como também todo o seu destino: havia iniciado na Espanha no ano anterior uma vida errática pela Europa, que só se encerraria nos seus três últimos anos de vida, a partir de 1991, quando retornou em definitivo ao Peru. À época, afirmou que gostaria de sentir-se mais perto de seu país, desejava dedicar-se exclusivamente à sua paixão por escrever, e também queria ficar perto de sua família e visitar seus amigos.

Foi neste período no meio dos anos 50, na França, que escreveu *Os urubus sem penas*, no qual já se percebe com nitidez as marcas de toda a sua obra, segundo o próprio autor, “um clima de frustração, fracasso e desalento”. Claro que seria impossível reduzir sua obra a três palavras e seus significados. Por certo Ribeyro buscou, em seus mais de quarenta anos de fazer literário, dar voz àqueles que não pertencem às classes dominantes, aos que ninguém ouve, aos esquecidos, aos que estão à margem, aos solitários. Sendo ele mesmo um amante da solidão e da boemia, confinou-se nos mais diversos lugares ao longo dos anos, refinando seu estilo. Era reconhecido por seus pares por ser um escritor que não se exibia nem fazia alarde de

seus recursos, que escrevia em uma linguagem aparentemente simples, criando histórias de enorme complexidade humana, ambiguidade, riqueza e pela densidade do seu olhar.

Durante seu período na França, Ribeyro se dedicou à escrita com o prazer e a resignação com que se sobrevive a um vício sem remédio. Dizia: “Quando não estou em frente à minha máquina de escrever, fico entediado, não sei o que fazer. A vida me parece desperdiçada; o tempo, insuportável. Que o que eu faço tenha valor ou não, é secundário. O importante é que escrever é minha maneira de ser”.

Abandonou os estudos em Paris, mas permaneceu pela Europa realizando trabalhos eventuais. Enquanto limpava o chão de banheiros fazia sua literatura de forma silenciosa, alternando sua estadia em Paris com breves períodos entre Alemanha — mesmo sem saber falar alemão — e Bélgica. Passou por inúmeras dificuldades na Espanha e na França, incluindo sua saúde, já afetada pelo vício do companheiro mais longevo que teve ao longo de sua vida, o cigarro.

Entre 1955 e 1956, residindo em Munique com uma bolsa de estudo, Ribeyro escreveu seu primeiro romance, *Crónica de San Gabriel*, que seria publicado em seu país em 1960 e ganharia o Premio Nacional de Novela daquele ano. Até meados de 1958, Rybeiro continuaria seus périplos entre Paris, Alemanha e Bélgica. Durante esse período teve que realizar muitos trabalhos para sobreviver, como reciclador de jornais, porteiro, carregador de pacotes e vendedor de produtos impressos até regressar ao Peru ainda naquele ano.

Ribeyro se instalou em Paris em 1960 graças a uma bolsa do governo francês. Com a ajuda dos amigos escritores Mario Vargas Llosa, que já vivia na cidade havia alguns meses e a quem ele conheceu quando de seu retorno ao Peru, em 1958, e



ao também escritor peruano Luis Loayza, conseguiu uma vaga na agência de notícias France-Presse, onde escrevia artigos e traduzia outros — e onde trabalhou por dez anos.

Estando na mesma cidade, Julio Ramón Ribeyro e Mario Vargas Llosa puderam estreitar laços. Frequentaram festas juntos, e liam as obras um do outro. Em seu livro de memórias *Peixe na água*, de 1993, Vargas Llosa relembra que Ribeyro, antes de conhecê-lo pessoalmente, era o mais estimado entre os narradores jovens. “Todos falávamos dele com respeito”, afirmou. Naquele mesmo ano de 1993, Ribeyro declarou que conheceu Vargas Llosa na casa de uns amigos: “Ele tinha uma personalidade muito forte. Estava sempre muito seguro do que dizia e escrevia. Isso impressionava muito. Mas foi em Paris que o conheci melhor, fomos colegas na agência France-Presse”.

A tendência política de ambos os escritores era conhecida nos círculos intelectuais, e em 1965 declararam abertamente seu apoio à luta armada do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR), dirigido por Luis de la Puente Uceda\*: assinaram um manifesto com mais seis peruanos que se encontravam em Paris. O texto foi publicado na revista *Caretas*: “Aprovamos a luta armada iniciada pelo MIR, condenamos os interesses de uma imprensa que desvirtua o caráter nacionalista e reivindicativo das guerrilhas, censuramos a violenta repressão governamental e oferecemos nosso dever moral aos homens que neste momento entregam suas vidas para que todos os peruanos possam viver melhor”.

Em março de 1966, Ribeyro comenta em uma carta: “(...) Mario é um tipo *hors de pair* (incomparável). Fico atordado

---

\* Ativista, político e guerrilheiro peruano que protestou contra a convivência e coalizão política entre seu partido, o APRA, e as forças conservadoras que sustentavam o segundo governo de Manuel Prado Ugarteche (1956-1962). Foi morto pelas forças governamentais em 1965.

com sua segurança, sua diligência, sua equanimidade, sua forma prática, realista, quase mecânica de viver. É um homem que sabe resolver seus problemas. Ele os soluciona com lucidez e sangue-frio. E o que é mais sério é que todos nós ignoramos tudo sobre ele. Ele só se dá a conhecer através de seus atos. Os preparativos de seus atos ou as razões que os determinam não são transparentes. Jamais faz uma confidência. Nunca o vemos desanimado por algo ou por alguém. Ele não vacila, escolhe sempre o infalível. Em sua vida não há ‘tempos mortos’, os que você e eu ou tantos outros perdemos às vezes sentados em um café, pensando em coisas sem importância. Aquilo que ele concebe, ele realiza. Entre uma coisa e outra não se interpõe uma fase de incerteza, de desconfiança, de preguiça, que a muitos às vezes neutraliza e afoga nossos melhores propósitos. Talvez por isso ele passe uma impressão de ‘desumanidade’. Talvez por isso ele tenha muitos admiradores, mas pouquíssimos amigos. Talvez essa seja a condição inata do autêntico criador: a do homem que está por cima dos nossos pequenos sentimentos e nos sobrova, instalado em seu próprio Olimpo”.

Sabe-se que Ribeyro conheceu Velasco Alvarado\* em Paris, em 1963, cinco anos antes de ele dar um golpe de Estado que o levou ao poder. E foi graças a essa amizade com o presidente da República que ele ingressou na diplomacia como adido cultural da embaixada peruana na França, em 1970 e, em 1972, foi nomeado representante do Peru na Unesco.

A amizade com Mario Vargas Llosa também prosseguia, num misto de admiração e repulsa. Em 4 de julho de 1971, depois de um almoço com a família de Vargas Llosa, anotou em seu diá-

---

\* Militar e político peruano, que, quando chefe do Comando Conjunto das Forças Armadas, dirigiu e executou o golpe de estado de 3 de outubro de 1968, derrubando Fernando Belaúnde e exercendo o poder absoluto até 1975, durante o chamado Governo Revolucionário da Força Armada.

rio pessoal: “Um dos tantos encontros esporádicos desde que, nos últimos anos, Vargas Llosa subiu no carro da celebridade, por assim dizer. Comunicação difícil. Em Vargas Llosa há uma afabilidade, uma cordialidade fria, que estabelece de imediato (sempre tem sido assim, me dou conta cada vez mais) uma distância entre ele e seus interlocutores. Percebi dessa vez, além disso, uma tendência a impor sua voz, a escutar menos que antes e a interromper facilmente o desenvolvimento de uma conversa que poderia ir longe (...) Vargas Llosa passa a impressão de não duvidar de suas opiniões. Tudo o que se diz, para ele é óbvio. Ele possui ou acredita que possui a verdade. Não obstante, conversar com ele é quase sempre um prazer por causa da paixão e da ênfase que coloca ao fazê-lo e por sua tendência à hipérbole, o que torna seu discurso algo divertido e convincente”.

A esta altura, Mario Vargas Llosa residia em Barcelona, e havia publicado seu terceiro romance, *Conversa no Catedral* — que, para Julio Ramón Ribeyro, parecia o menos bom dos três publicados até ali. Sendo os dois os escritores peruanos mais destacados de seu tempo, o que certamente havia entre ambos era algum tipo de questão egoíca que nunca ficou exatamente clara ou resolvida. A amizade entre os dois é, até hoje, considerada muito complexa e repleta de mistério.

Foi na segunda metade dos anos 80, porém, que ela chegou ao fim. O presidente Alan García nomeou Ribeyro embaixador da Unesco, função que cumpriu até 1990, quando Alberto Fujimori chegou ao poder. Meses mais tarde, em abril de 1986, foi condecorado com a Orden del Sol, reconhecimento máximo do governo peruano. Em uma entrevista de 2002, Vargas Llosa lembrou: “Também me convidaram, mas suspeitei que algo aconteceria e não aceitei. Julio Ramón, quando se viu na arma-

dilha, não teve outro remédio senão aceitar, muito a seu pesar, e teve que agradecer publicamente ao governo essa concessão”. Semanas depois, Ribeyro visitou o chefe de Estado para agradecer-lo pelo reconhecimento.

Dois meses depois, em junho, aconteceu a matança dos presos do cárcere de Luringancho, El Frotón e Santa Bárbara. Vargas Llosa escreveu uma carta para Alan García imediatamente, que foi publicada no diário *El Comercio* com o título de “Uma montanha de cadáveres”, em que assinala: “A maneira como foi feita a repressão a estes motins sugere mais um acerto de contas com o inimigo que uma operação cujo objetivo era restabelecer a ordem”. Ribeyro, no entanto, optou pelo silêncio, e por isso foi criticado por intelectuais de diversas tendências.

No ano seguinte, em 1987, quando Vargas Llosa atuou decididamente contra a nacionalização do sistema bancário proposta pelo presidente da República, Ribeyro declarou à agência France-Presse: “Tenho uma velha e estreita amizade com Mario Vargas Llosa e o admiro muitíssimo como escritor. Por essa razão me envergonho por ter que discordar dele a propósito do debate sobre a nacionalização do crédito. (...) No debate atual, excede o motivo que o originou para transformá-lo em um confronto entre os partidários do status quo e os partidários da mudança. E neste debate, penso que a posição assumida por Vargas Llosa o identifica objetivamente com os setores conservadores do Peru e o deixa em oposição à irrupção irresistível das classes populares que lutam por seu bem-estar e que terminarão por impor seu próprio modelo social, mais justo e solidário, por mais que isso pese para os filhos da burguesia”. Mario Vargas Llosa respondeu com ataques. Ribeyro ficou em silêncio.

O escritor Guillermo Niño de Guzmán afirma que, quando Julio Ramón Ribeyro estava morrendo, deu a ele as chaves do seu apartamento em Barranco, um dos bairros limenhos, pediu-lhe que colocasse seus diários em um local seguro e, quando ele foi organizar os manuscritos, encontrou nove versões de uma carta que ele havia começado a escrever em resposta a Vargas Llosa — uma carta que nunca chegou a concluir. Não pedia desculpas a Llosa em nenhuma das versões, apenas explicava por que estava de acordo com as medidas de Alan García.

Um mês antes de morrer, Julio Ramón Ribeyro recebeu um dos mais prestigiados prêmios para quem faz literatura na América Latina, o Prêmio Juan Rulfo (Rulfo, por sinal, chamava Ribeyro de mestre, e fez questão de conhecê-lo quando foi a Paris décadas antes), que, segundo o autor, melhorou sua autoestima, uma vez que sempre pensou muito pouco de si, porque mantivera um posicionamento pessimista por toda a vida. Na mesma fala, disse também que achava que a importância do prêmio era maior para a literatura peruana e da América Latina como um todo do que para ele próprio. Reconhecia, no entanto, a importância de que o prêmio fosse outorgado a um escritor majoritariamente de contos — seus três únicos romances foram escritos antes dos 35 anos de idade, e suas incursões em outros gêneros, como o aforismo e o teatro, que também têm fôlego dentro de sua obra, são em menor número.

Ribeyro, que havia sido operado de um câncer de pulmão em 1973 por conta de seu vício em cigarros — na maior parte de suas fotos encontradas na internet ele está sempre com um cigarro entre os dedos, passou por um longo tratamento, cujo milagre por permanecer vivo diante de um câncer tão agressivo atribuía a San Martín de Porres, de quem não era devoto por não ser religioso, mas cuja imagem levava para onde quer que

fosse. Foi obrigado a passar cinco anos sem fumar. Não escreveu uma linha de ficção nesses cinco anos. Decidiu, então, que voltaria a fumar e cumpriria o seu desejo infantil: aos 12 anos, dizia que seu sonho era estar metido num escritório, a escrever. E foi o que fez pelos 21 anos seguintes até sua morte: havia ingressado no hospital no começo de outubro para tratar-se de uma infecção urinária quando os médicos descobriram um câncer avançado. Seu estado de saúde deteriorou-se rapidamente e ele morreu de pneumonia que, nas palavras de sua esposa, Alida Ribeyro, “o separou da vida” no dia 4 de dezembro de 1994, aos 65 anos. Em seu enterro, os amigos colocaram uma carteira de cigarros e uma garrafa de vinho dentro de seu caixão — os companheiros inseparáveis de uma vida.

“El flaco” — o magro, como ficou conhecido no Peru depois de seu tratamento contra o câncer em 1973, foi sobretudo um contista — e isso teve um preço, porque o auge da literatura latino-americana, o assim chamado “boom”, deu-se através de um movimento de romancistas. O que o faz romper esse grupo e ter sua importância reconhecida até os dias de hoje é justamente a enorme singularidade de seus contos, do seu repertório distinto, que toca o leitor de forma potente e impressionante.

**MARCO SEVERO**



## ***Os urubus sem penas***

Às seis da manhã, a cidade se levanta na ponta dos pés e começa a dar seus primeiros passos. Uma névoa fina dissolve o perfil dos objetos e cria como uma atmosfera encantada. Parece que as pessoas que percorrem a cidade a essa hora são feitas de outra substância, que pertencem a uma espécie de vida fantasmagórica. As beatas se arrastam com dificuldade até desaparecer nos pórticos das igrejas. Os noctívagos, amaciados pela noite, voltam para casa enrolados em cachecóis e melancolia. Os lixeiros começam seu passeio sinistro pela avenida Pardo, munidos de vassouras e carrinhos. A essa hora se veem também operários indo em direção à parada do bonde, policiais bocejando encostados nas árvores, entregadores de jornal roxos de frio, empregadas pondo os latões de lixo para fora. A essa hora, por fim, como se chamados por uma ordem misteriosa, aparecem os urubus sem penas.

A essa hora, o velho *don* Santos põe sua perna de pau e, sentando-se no colchão, começa a berrar:

— Vamos levantar! Efraín, Enrique! Está na hora!

Os dois garotos correm para o córrego que passa pelo quintal esfregando os olhos remelentos. Com a tranquilidade da noite, a água se aquietou e em seu fundo transparente pode-se ver o mato crescendo e pequenas larvas deslizando ágeis. Depois de jogar água no rosto, cada um pega sua lata e os dois saem para



a rua. *Don Santos*, enquanto isso, se aproxima do chiqueiro e com sua longa vara golpeia o lombo do porco, que se refestela entre os rebotalhos.

— Ainda falta um pouco, marrano! Mas pode esperar, que sua vez já vai chegar.

Efraín e Enrique se demoram no caminho, subindo nas árvores para pegar amoras ou recolhendo pedras, daquelas pontiagudas que cortam o ar e ferem pelas costas. Chegam ainda de madrugada a seu domínio, uma longa rua cheia de casas elegantes que desemboca no cais.

Eles não são os únicos. Em outros quintais, em outros subúrbios, alguém deu o sinal, e muitos se levantaram. Uns trazem latas, outros caixas de papelão, às vezes basta apenas um jornal velho. Sem se conhecerem, formam uma espécie de organização clandestina que se espalha por toda a cidade. Há aqueles que vagueiam pelos edifícios públicos, outros escolheram os parques ou lixões. Até os cachorros já têm seus hábitos, seus itinerários, sabiamente instruídos pela miséria.

Efraín e Enrique, depois de um breve descanso, começam o trabalho. Cada um escolhe um lado da calçada. Os latões de lixo estão alinhados diante das portas. É preciso esvaziá-los por completo e depois começar a exploração. Uma lixeira é sempre uma caixa de surpresas. Pode-se encontrar latas de sardinha, sapatos velhos, pedaços de pão, ratos mortos, algodões imundos. Para eles, só interessam as sobras de comida. Lá no chiqueiro, Pascual recebe qualquer coisa, mas prefere verduras um pouco decompostas. A pequena lata de cada um vai ficando cheia de tomates podres, pedaços de banha, molhos estranhos que não figuram em nenhum manual de cozinha. Não é raro, no entanto, fazer uma descoberta valiosa. Certo dia, Efraín encontrou uns suspensórios com os quais fez um estilingue.

Outra vez, uma pera quase boa que devorou na mesma hora. Enrique, ao contrário, tem sorte com caixinhas de remédio, frascos brilhantes, escovas de dentes usadas e outras coisas semelhantes, que ele coleciona com avidez.

Depois de uma rigorosa seleção, eles voltam o lixo para o latão e correm para o próximo. Não convém demorar muito porque o inimigo está sempre à espreita. Às vezes, são surpreendidos pelas empregadas e têm de fugir, deixando sua coleta espalhada. Porém, com mais frequência é o caminhão dos lixeiros que aparece, e então a jornada está perdida.

Quando o sol assoma sobre as colinas, a madrugada chega ao fim. A neblina se dissolveu, as beatas estão mergulhadas no êxtase, os noctívagos dormem, os entregadores já distribuíram os jornais, os operários sobem nos andaimes. A luz desvanece o mundo mágico da aurora. Os urubus sem penas regressaram a seu ninho.

*Don Santos* os esperava com o café pronto.

— Vamos ver, o que vocês trouxeram?

Fuçava entre as latas e, se a coleta fosse boa, fazia sempre o mesmo comentário:

— Hoje o Pascual vai se banquetear.

Mas na maioria das vezes trovejava:

— Idiotas! O que vocês fizeram hoje? Devem ter ficado brincando, é claro! O Pascual vai morrer de fome!

Os dois fugiam para o parreiral, com as orelhas ardendo dos tabefes, enquanto o velho se arrastava até o chiqueiro. Do fundo de seu reduto, o porco começava a grunhir. *Don Santos* lhe arremessava a comida.

— Meu pobre Pascual! Hoje você vai ficar com fome por causa desses ordinários. Eles não sabem cuidar de você como eu. Tenho que surrar esses dois para que aprendam.

No início do inverno, o porco tinha se convertido numa espécie de monstro insaciável. Tudo lhe parecia insuficiente, e *don Santos* culpava os netos pela fome do animal. Ele os obrigava a se levantar mais cedo, para invadir o terreno dos outros em busca de mais sobras de comida. Por último, obrigou-os a se dirigir ao lixão que ficava à beira-mar.

— Ali vocês vão encontrar mais coisas. Além disso, vai ser mais fácil porque o lixo fica todo junto.

Num domingo, Efraín e Enrique chegaram ao barranco. Os caminhões de lixo, seguindo por uma ruazinha de terra, descarregavam o lixo num declive de pedras. Visto do cais, o lixão formava uma espécie de escarpado escuro e fumegante, onde os urubus e os cachorros se deslocavam como formigas. De longe, os garotos atiraram pedras para espantar os inimigos. Um cachorro se afastou ganindo. Quando chegaram mais perto, sentiram um cheiro nauseante que lhes penetrou até os pulmões. Os pés deles se afundavam num monte de penas, excrementos, matérias decompostas ou queimadas. Enterrando as mãos, começaram a exploração. Às vezes, sob um jornal amarelado, descobriam uma carniça meio devorada. Nos escarpados próximos, os urubus espiavam impacientes e alguns se aproximavam saltando de pedra em pedra, como se quisessem encurralá-los. Efraín gritava para intimidá-los, e seus gritos ressoavam pelo desfiladeiro, fazendo os pedregulhos se soltar e rolar até o mar. Depois de uma hora de trabalho, voltaram ao quintal com as latas cheias.

— Bravo! — exclamou *don* Santos. — Vocês vão ter que repetir isso duas ou três vezes por semana.

Desde então, às quartas e aos domingos, Efraín e Enrique remexiam o lixão. Logo começaram a fazer parte da estranha fauna do lugar, e os urubus, acostumados com sua presença, trabalhavam ao lado deles, grasnando, revoando, escavando com os bicos amarelos, como ajudando-os a descobrir a pista da preciosa sujeira.

Foi ao regressar de uma dessas excursões que Efraín sentiu uma dor na sola do pé. Um caco de vidro lhe fizera uma pequena ferida. No dia seguinte, o pé estava inchado, mas mesmo assim ele continuou o trabalho. Quando voltaram, o menino quase não conseguia andar, mas *don* Santos não reparou nisso, pois estava com visita. Acompanhado de um homem gordo com as mãos manchadas de sangue, observava o chiqueiro.

— Daqui a vinte ou trinte dias vou passar por aqui — dizia o homem. — Até lá, acho que já vai estar no ponto.

Quando partiu, os olhos de *don* Santos faiscavam.

— Ao trabalho! Ao trabalho! Daqui em diante, vou ter que aumentar a ração do Pascual! O negócio está correndo bem nos trilhos.

Na manhã seguinte, no entanto, quando *don* Santos acordou os netos, Efraín não conseguiu se levantar.

— O pé dele está machucado — explicou Enrique. — Ontem se cortou com um caco de vidro.

*Don* Santos examinou o pé do neto. A infecção já se espalhara.

— Isso não é nada! Ele tem que lavar o pé no córrego e amarrar com um pano.

— Mas está doendo! — exclamou Enrique. — Ele não consegue andar direito.